

**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 40, (Jan/Dez) de 2024
ISSN: 2178-7476



SE APRENDE NA CONVIVÊNCIA: UMA PEDAGOGIA MĚBĚNGÔKRE

LEARNING THROUGH COEXISTENCE: A MĚBĚNGÔKRE PEDAGOGY

SE APRENDE EN LA CONVIVENCIA: UNA PEDAGOGÍA MĚBĚNGÔKRE

Dilma Costa Ferreira

Doutora em educação na Amazônia (PGEDA/UFT), professora da educação básica.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2144-9387>

Email: dilma1992cf@gmail.com

Idemar Vizolli

Doutor em Educação pela UFPR, professor da Universidade Federal do Tocantins, Palmas/TO.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7341-7099>

Email: idermar@mail.uft.edu.br

RESUMO: Este texto dialoga com o cotidiano Měbêngôkre, sobretudo com a educação tradicional vivenciada pelas crianças na convivência com os velhos/as e com seus pares. Esse processo ativa o olhar, o escutar, o brincar e o fazer, sentidos que levam ao saber bem. É a partir desse pensamento que escrevemos, pautando-nos em vivências e experiências de pesquisa de tese com os Měbêngôkre, no intuito de compreendermos como ocorrem as práticas do aprender na educação Měbêngôkre, as quais lhes possibilitam manter vivas a tradição, os costumes e a cultura. Visualizamos uma pedagogia do aprender que se diferencia do processo educacional praticado na escola, uma vez que a cultura, assim como a tradição desse povo, não necessitam da escola para serem desenvolvidas, é, antes de tudo, uma aprendizagem arraigada no território, de profundo respeito com o meio, onde cuidam e produzem os corpos, tornando-os fortes para a vida adulta.

Palavras-chave: Měbêngôkre/Kayapó; Cultura Měbêngôkre; Pedagogia do aprender; Convivência.

ABSTRACT: This text dialogues with the Měbêngôkre everyday life, especially with the traditional education experienced by children in their interactions with elders and their peers. This process activates the senses of seeing, listening, playing, and doing, which lead to knowing well. From this perspective, we write, guided by experiences and thesis research with the Měbêngôkre, aiming to understand how learning practices occur in Měbêngôkre education, enabling them to keep tradition, customs, and culture alive. We envision a pedagogy of learning that differs from the educational process practiced in school, as the culture and traditions of this people do not require a school to develop; rather, it is, above all, a learning deeply rooted in the territory, based on profound respect for the environment, where they nurture and strengthen bodies to prepare for adulthood.

Keywords: Měbêngôkre/Kayapó; Měbêngôkre Culture; Pedagogy of learning; Coexistence.

RESUMEN: Este texto dialoga con la vida cotidiana Měbêngôkre, sobre todo con la educación tradicional que las niñas y los niños viven en la convivencia con las personas mayores y sus pares. Este proceso activa el mirar, el escuchar, el jugar y el hacer, sentidos que conducen al buen saber. Es a partir de este pensamiento

que escribimos, basándonos en vivencias y experiencias de investigación de tesis con los Mëbêngôkre, con el objetivo de comprender cómo ocurren las prácticas de aprendizaje en la educación Mëbêngôkre, lo que les permite mantener viva la tradición, los costumbres y la cultura. Visualizamos una pedagogía del aprendizaje que se diferencia del proceso educativo practicado en la escuela, ya que la cultura y la tradición de este pueblo no necesitan de la escuela para desarrollarse; es, ante todo, un aprendizaje arraigado en el territorio, de profundo respeto por el medio, donde cuidan y producen los cuerpos, fortaleciéndolos para la vida adulta.

Palabras clave: Mëbêngôkre/Kayapó; Cultura Mëbêngôkre; Pedagogía del aprender; Convivencia.

Primeiros passos

Os povos indígenas certamente têm muito a nos ensinar, e é preciso disposição para aprender que a vida não se pode comprar, é antes de tudo um sentimento de pertencimento e envolvimento com o meio em que habitamos e com as vidas que compartilham esse mesmo espaço. Diante disso, nos dispomos a aprender com os Mëbêngôkre: povo que habita a terra indígena Kayapó, no Sul do Pará, município de São Félix do Xingu, especificamente os habitantes de Kôkraxmôro, nosso campo de investigação, os quais, por volta de 1950, lutaram contra a invasão de seus territórios, entretanto, foram “amansados” pelos indigenistas à serviço do Estado, e assim estabeleceram relações com esta sociedade dita não indígena.

Uma relação desigual, uma vez que esse povo dominavam o território e construía um arsenal de técnicas e artimanhas para o defenderem do invasor, vivenciavam modos diferentes de produzir e se relacionarem com o meio em que habitavam. Ao serem levados a consumirem alimentos e artefatos não indígenas, sem lhes propiciarem mínimas condições para isso, os Mëbêngôkre se deparam com uma nova e complexa realidade: a tentativa de dominação de seus corpos e modos de ser e viver, que se estende aos dias atuais de forma cada vez mais sutil.

Logo após o contato, os Mëbêngôkre vivenciaram as primeiras manifestações escolares na aldeia Kôkraxmôro, ofertada pelos missionários que tinham como objetivo ensinar a leitura da língua materna e as operações da matemática não indígena, voltando-se para a leitura bíblica e ensinamentos cristãos. Embora os Mëbêngôkre ansiassem pela aprendizagem da língua portuguesa e demais conhecimentos não indígenas, uma vez que facilitaria as relações na sociedade envolvente, tornando-a menos desigual, o acesso a tais ensinamentos era-lhes negado.

Entretanto, com as reivindicações dos movimentos indígenas articulados, inclusive com outros grupos, houve mudanças significativas, de modo que na contemporaneidade, há uma escola na aldeia que contempla o ensino em língua portuguesa e demais conhecimentos não indígenas, porém, regida, em sua maioria, por professores não indígenas, o que evidencia a necessidade de formação e atuação de professores indígenas em salas de aulas.

Uma vez assumida a escola pelos sujeitos de direitos, haverá a verdadeira autonomia indígena nos processos escolares, e assim poderão ressignificar a escola, tornando-a uma verdadeira escola

indígena, priorizando o aprender assim como o fazem na educação tradicional Mēbêngôkre com as crianças, que é o nosso foco de estudo aqui.

Dito isso, compreendemos que educação Mēbêngôkre está em toda a parte: nas brincadeiras, nas atividades desenvolvidas nas roças, nos rios, na floresta, nas vivências territorializada e fora dos territórios. É a partir desse entendimento que ousamos construir este texto, imersos em reflexões possibilitadas pelas experiências em campo por ocasião de investigação para produção de tese, cujo projeto passou por todos os trâmites éticos e legais que envolvem a pesquisa com povos e territórios indígenas, desde a aceitação da comunidade à aprovação nos comitês de ética em pesquisa, bem como a autorização da Funai para ingresso em territórios indígenas.

Assumimos uma postura fenomenológica na realização da pesquisa, nos guiando pelos princípios do estudo de caso em uma pesquisa qualitativa. Assim, para a produção de dados dispomos da observação participante, anotações em diário de campo, registros fotográficos e entrevistas. A observação participante, técnica de obtenção dos dados, bem como as entrevistas realizadas na pesquisa, nos possibilitou o diálogo com a realidade concreta, como sugere Minayo (2016). Esse diálogo fez surgir algumas reflexões que trouxemos para o texto, orientando-nos pela seguinte questão: como ocorrem as práticas educativas destinadas ao ensinar na educação Mēbêngôkre em Kôkraxmôro? Assim, estabelecemos como objetivo compreender como ocorrem as práticas do aprender na educação Mēbêngôkre, as quais lhes possibilitam manter vivas a tradição, os costumes e a cultura.

Compreendemos a educação tradicional Mēbêngôkre como aquela que é vivenciada e praticada pelos povos indígenas em seus territórios ou fora deles, contudo é arraigada no senso coletivo do ser e do fazer bem, para o bem viver coletivo no território. Trata-se certamente de outra perspectiva de aprender.

[...] a educação indígena propicia aprendizados ancestrais, milenares e fundamentalmente úteis para a manutenção do pertencimento identitário. O processo de ensino e aprendizagem acontece pela oralidade, e os conteúdos transmitidos produzem a prática da liberdade, da autonomia, do respeito aos outros e ao meio, além de uma vida mais saudável, por conta das práticas de produção e coleta de alimentos saudáveis e pelo acompanhamento das curandeiras e pajés nas ações de cura (Kayapó, 2022, p. 6).

Somos levados à compreensão de que a convivência, experimentação e a prática levam a criança a apreender e a aprender os costumes, a tradição e a cultura. Como consequência, essa aprendizagem propicia o saber bem (*mari mex*). Desde o nascimento, estas crianças são inseridas em processos de aprendizagens que acontecem na interação com os grupos de idade e gênero a que elas pertencem, ou seja, os grupos que crescem juntos e realizam atividades comuns às suas idades, sob a mediação dos velhos/as.

O aprender, nessa perspectiva é, sobretudo um aprender a ser Mēbêngôkre, sob a orientação

dos/as velhos/as, que passa inevitavelmente pela experiência socializada nestes grupos sociáveis, por meio dos sentidos que são aguçados mediante a necessidade de preenchimento das ausências do corpo sociocultural em construção, o qual envolve também a mente e o espírito.

Assim, “[...]. A educação indígena só pode, pois, ser compreendida pela indissociabilidade da tríade corpo-mente-espírito, cada um desses polos sendo o responsável pelo desabrochar dos sentidos, da experiência da vida e dos sonhos” (Munduruku, 2009, p. 24). Esse desabrochar ativa o olhar, o escutar, que possibilita as várias tentativas e imitações do ser e fazer por meio do brincar. O brincar, por sua vez leva ao saber bem (*Mari Mex*).

Com esse entendimento, o presente texto está pensado de modo a descrever ações em campo que compreendem o próprio devir da pesquisadora ao estar lá, aprender com, na convivência sobretudo com as mulheres Mëbêngôkre. O segundo momento traz reflexões sobre o ensinar, a construção e endurecimento dos corpos, possibilitados pelo cuidar e orientar dos velhos/as, que em práticas educativas pautadas na liberdade para aprender, ativam/aguçam os sentidos como o escutar, o olhar, o sentir e a criatividade por meio do brincar, que por repetidas vezes, propiciam o ser e o fazer Mëbêngôkre, reconhecidos na vida adulta.

A convivência com...

Era manhã, nós, as mulheres íamos à roça colher batatas. Juntamos as coisas necessárias em um cesto e fomos para a beira. Lá pegamos uma voadeira, guiada por um homem Mëbêngôkre, que faria nossa travessia. Entre conversas e brincadeiras, chegamos ao plantio de batatas que estava no centro da roça circular, envolvido por outras plantas de grande e médio porte em suas extremidades.

O trabalho acontecia em meio a leveza e as brincadeiras que é levado muito a sério pelas mulheres Mëbêngôkre. Deveríamos encher todos os paneiros, condição para podermos voltar para casa, e lá estávamos, eu e uma professora da comunidade, arrancando batatas. Mal sabíamos que seríamos as últimas a enchermos os nossos paneiros e ainda contamos com a ajuda das outras mulheres, que gentilmente nos ensinavam a prática de arrancar batatas.

Aliviadas, uma vez que havíamos terminado o trabalho, levamos as batatas para o barco. Entretanto, uma mulher já havia cortado lenhas, as quais serviriam para acender o fogão de pedra, no qual assariamos as batatas colhidas. Prontamente fomos convidadas a esvaziamos nossos paneiros para buscarmos a lenha, uma atividade que demanda técnica para arrumar a carga e transportá-la. Entretanto, as mulheres que ali estavam não se esquivavam e prontamente nos ensinavam a melhor forma de carregarmos nossas cargas.

Chegamos na beira do rio, porto da aldeia, lá lavamos as batatas para tirar todo o barro e depois levamos para casa, juntamente com as lenhas. Nesses momentos, eivada de uma educação que muito fala, condição para o aprender, não perdia a oportunidade de perguntar. As advertências logo

vieram: olha, você precisa olhar para aprender a fazer. Assim percebi que a pergunta fica em segundo plano no processo de aprendizagem Mēbêngôkre, que é ativado pelos sentidos. Ao calar, no silêncio se aprende (Munduruku, 2004), uma vez que outros sentidos são aguçados para o aprender bem.

Já nos aproximávamos do meio-dia e deveríamos almoçar para depois dar continuidade a nossa atividade. Fui orientada a ir para casa, mas deveria voltar brevemente para ajudar a fazer o fogão de pedra e organizar as batatas nele. Esse fogão, chamado de *ki*, se difere do *kwy*, fogão que não utiliza a pedra, de origem não indígena.

Conforme relatos em narrativa ancestral, contada pelos mais velhos, o fogo é um elemento que, na ancestralidade, não pertencia aos Mēbêngôkre. Ele foi adquirido após ser roubado da onça. Kenti (2023), contou-me essa narrativa, de como passaram a ter o fogo em uma artimanha de sobrevivência, ação realizada por um ancestral Mēbêngôkre.

Um certo dia, um menino Mēbêngôkre andava pela mata e encontrou um ninho de arara. Curioso, ele subiu para observar os ovos, mas quando subiu, não conseguiu mais descer. E ele ficou ali por dias, sem comida e sem água. Uma onça-macho, que passava por ali, viu o menino e lhe disse que não o atacaria, mas ele devia ir para casa morar com ele e sua companheira, a onça fêmea.

Ao chegar na casa da onça, lhe deram comida e bebida, e o menino ficou forte novamente. Todos os dias a onça macho saía para caçar, e o menino ficava em casa com a onça fêmea. Ela, porém, gostava cada dia menos do menino e ameaçava comê-lo. A onça-macho, percebendo o atrito, fez para o menino uma flecha bem afiada, ensinou-o a lançar e lhe orientou a atirar a flecha contra a onça fêmea, bem na região do coração, enquanto ele (o macho) estivesse na caçada. O menino assim o fez. Quando ficou sozinho com a fêmea, arqueou sua flecha e a lançou contra o peito dela, que morreu na hora. O menino então, pegou o fogo e fugiu, deixando a onça sem nada. Depois de muito caminhar, ele encontrou seus parentes que, ao avistarem o menino, choraram. Ele prontamente apresentou o fogo e acendeu o fogão em cada uma das casas das mulheres, e foi assim que os Mēbêngôkre passaram a utilizar o fogo.

Esse mesmo fogo é bastante utilizado para assar batatas e berarubu, uma comida típica dos Mēbêngôkre. Fogo que então utilizaríamos, uma espécie de forno de pedra circular, onde são colocadas lenhas que formam brasas e aquecem as pedras até ficarem vermelhas, ponto em que as lenhas são retiradas e as batatas são minuciosamente distribuídas pelas mulheres, sobre as pedras quentes e cobertas por folhas de bananeiras para que todo o calor circule dentro do forno, assando as batatas.

Imagem 1 – A partilha das batatas.



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Na imagem, visualizamos as mulheres adultas retirando as batatas do forno, cada uma do seu monte de batatas organizados em círculos, assim como o próprio forno de pedra. Ao lado, uma menina olha atentamente, sem tocar no alimento. Ao olhar, ela aprende sem a orientação verbal por parte das mulheres ali presentes: o tempo que levou para as batatas assarem, qual a cor e a textura que o alimento adquiriu ao chegar no ponto ideal, como retirar minuciosamente as pedras quentes e a partilhar o alimento entre os demais, primando primeiramente pela alimentação das crianças e depois dos adultos.

Aquele momento lhe aguçou o olhar, mas também o olfato para compreender os cheiros que o alimento exalava ao ficar pronto para consumo. Na convivência com as mulheres Mëbêngôkre as meninas aprendem. Tanto as mulheres quanto os homens aprendem a ser e o fazer na convivência com os velhos/as e na socialização de experiências com seus pares nos grupos sociáveis.

O pai e a mãe são quem ensina para eles. Os homens ensinam para os homens, e as mulheres ensinam para as mulheres e eles vão aprender. Vão aprender a fazer berarubu, assar peixe. E os homens também, os parentes os juntam na casa do guerreiro e vão ensinar. As mesmas tarefas que os mais velhos estão fazendo, vão ajudar, mostrar e eles vão aprender. Aprendem na convivência (Barabat Kayapó, 2023).

O aprender na convivência implica em disposição dos aprendentes para o escutar, olhar e fazer por meio dos sentidos do corpo que são ativados na/por meio da orientação dos velhos/as. Essa orientação é sentida mais pelo olhar e escutar as ações, que por meio da fala, pelos aprendentes. Ao falar, irrompe-se o silêncio educativo que é experimentado pelos outros sentidos na pedagogia do aprender.

O olhar, escutar, brincar e fazer: uma pedagogia do aprender pautada na liberdade

O ato de aprender vivenciado pelos Mēbêngôkre passa, inevitavelmente, pelos sentidos do corpo em processo de aprendizagem, de modo que o aprender bem, evoca a audição por meio do escutar; demanda atenção de um olhar atento que é aguçado pela convivência e pelo silenciar que possibilita a leitura, seja das palavras e gestos dos velhos/as, ou mesmo os sons entoados pela natureza, na mesma medida em que ativa o olfato, o tato e o paladar para sentir os cheiros, as texturas e os sabores, como o fez a menina que observava a ação das mulheres ao retirarem as batatas do forno.

Nesse contexto, o silêncio propicia aprendizagem, uma vez que a pedagogia do aprender na educação Mēbêngôkre pode ser compreendida como “palavra silenciosa que dá outras asas às palavras” (Munduruku, 2004, p. 3). Estas, por sua vez, possibilitam o saber bem (*me mari mex*). Esse emaranhado de palavras silenciosas captadas pelo uso dos sentidos, demanda criatividade para colocarem em prática o que estão a aprender, geralmente manifestada por meio da brincadeira. É brincando que o corpo se torna capaz de recriar e praticar o ser e o fazer Mēbêngôkre.

Na perspectiva de Ireti Kayapó (2023), a criança Mēbêngôkre, desde pequena, caminha junto com seus pais, seus avós e praticam o que os velhos/as praticam para aprenderem a fazer bem, pois essa é uma condição para o aprender. Os homens aprendem, na convivência com os velhos e seus pares, os ofícios masculinos da caça, dos conhecimentos medicinais, dentre outros. Na mesma medida, as mulheres ensinam as meninas realizando as atividades femininas das casas, como o cuidar do fogo, a busca pela lenha, o cuidar das roças, a preparação dos alimentos e o cuidado com as crianças e velhos/as das casas.

Essa convivência comunitária, orientada pelos velhos/as faz o corpo Mēbêngôkre em construção querer escutar e olhar pacientemente o que os homens e mulheres estão a orientar/praticar. Irengômorti (2023), descreve esse processo ao relatar como se aprende a ser uma mulher Mēbêngôkre: “Eu aprendi com a minha mãe, eu acompanhei a minha mãe na roça, aprendi a pintar e a dançar também. Quando eu era criança, eu não sabia nada, eu aprendi os conhecimentos Mēbêngôkre depois que eu cresci”.

As mulheres, diferentemente dos homens, ficam mais tempo nas casas e aprendem a realizar as atividades com as mulheres velhas, exercitando a escuta, o olhar atento e curioso, o brincar e o fazer, por meio da convivência. Escutam as histórias, olham os movimentos de pintura e ornamento dos corpos, a tecitura dos ornamentos com miçangas, o cuidado com o fogo e com os alimentos, o cuidado com as crianças, as danças e os cantos. Todos esses conhecimentos são acumulados durante o processo de construção dos corpos socioculturais femininos para o saber bem, o ser e fazer Mēbêngôkre.

À medida em que o corpo infantil vai preenchendo as ausências/necessidades que surgem,

“[...] A criança vai, aos poucos, entendendo que no seu corpo o Sentido ganha vida. Suas ações são guiadas pela ausência que mora em seu corpo e que precisam ser preenchidas por aquilo que dá razão à sua existência” (Munduruku, 2009, p. 25). Assim aparenta ser a lógica Mëbêngôkre de construção dos corpos, por meio do qual vivenciam o mundo que se apresenta.

Ao preencher os vazios do seu corpo, a criança muda de categoria, e participa de um novo grupo sociável, o qual a possibilitará preencher novos vazios/necessidades até chegar a fase adulta. Essa fase madura é alcançada quando a pessoa já aprendeu a ser Mëbêngôkre, seu corpo já está forte o suficiente e consegue sobreviver sem a necessária orientação dos/as velhos/as.

Até alcançarem esse estágio final do aprender, em vários momentos, as crianças e jovens exercitam o fazer, por meio do brincar, outrora experienciado na convivência e observação dos/as velhos/as em interações socioculturais na comunidade. Assim, o ser Mëbêngôkre é concretizado a partir do acúmulo de experiências que vivenciam ao longo do processo de construção de seus corpos, que nesse contexto são também corpos culturais (Merleau-Ponty, 2018).

Nessa perspectiva, o exercício coletivo no grupo sociável, permite o fazer por meio do brincar, ao mesmo tempo em que socializam experiências que servem como um caminho para a construção do ser e do fazer, mediante liberdade e criatividade, em processos que respeitam os tempos e momentos de aprendizagens individuais e coletivas dos sujeitos. Dessa forma, a pedagogia do aprender não opera pela imposição, é uma aprendizagem guiada pelos velhos/as, de modo a estimular no corpo infantil o desejo e a necessidade de aprendizado. E é na coletividade, ao realizarem atividades conjuntas, que as crianças compartilham com seus pares, de modo interativo e prazeroso, os erros e os acertos, os quais propiciam o aprender em um processo livre, lúdico e criativo.

Essa pedagogia do aprender, que pressupõe liberdade, se apresenta como uma potência nas práticas educativas indígenas, uma vez que experienciam vivências coletivas, fazem escolhas e criam conexões com o mundo vivido e com os que os rodeiam. Uma liberdade que Krenak (2022) cita ter vivenciado na infância e que o possibilitou viver uma conexão com tudo aquilo que percebia como natureza, da qual entendeu também ser parte, de modo a se confundir com a natureza num sentido amplo, de se entender como uma extensão de tudo, e ter a experiência de sujeito coletivo.

[...]. Trata-se de sentir a vida nos outros seres, numa árvore, numa montanha, num peixe, num pássaro, e se implicar. A presença dos outros seres não apenas se soma à paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo. Essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação. Não para um tempo e um lugar imaginários, mas para o ponto em que estamos agora (Krenak, 2022, p. 103).

Nessa perspectiva, compreendemos que as crianças aprendem a ser Mëbêngôkre em processo semelhante, na interação e convivência com os velhos/as em contextos coletivos, ao mesmo tempo em que vivenciam a liberdade de aprender em harmonia com as vidas e mundos coexistentes no território. Dessa forma, as aprendizagens se dão em todas as instâncias, em atividades

desenvolvidas cotidianamente, que se assemelham a um ritual constante de aprendizado, por meio das quais aprendem, ensinam e interagem nos grupos sociáveis, preenchendo assim as ausências de seu corpo cultural. O papel desempenhado pelos velhos/as é o de estimular nas crianças o desejo de aprender, seja sobre a própria cultura, tradição e costumes, ou mesmo os conhecimentos considerados necessários para a convivência na/com a sociedade envolvente.

Em alguns dos momentos em campo, enquanto tomava banho de rio e observava os movimentos e ritmos Mēbēngôkre no local, pude escutar as falas de alguns que ali estavam. Eles comentavam sobre os diversos assuntos, desde política a questões triviais relacionadas às casas, como episódios engraçados que aconteceram durante atividades realizadas no dia a dia. E nesse vai e vem, rio casa, casa rio, percebi que aquele lugar é um grande centro de práticas educativas e comunitárias. É lá que ouvimos sobre os mais variados assuntos, mas é também onde os parentes ensinam as crianças a natação, a pesca, o cuidar das vestimentas e da higiene pessoal, a se relacionarem.

Foi no rio que presenciei um jovem casal, que estava acompanhado do filho de oito meses, deixando-o mergulhar na água. Fiquei intrigada com a confiança que demonstravam ao orientarem aquele bebê para ser forte, aprendendo movimentos de natação. A cada mergulho, meu coração disparava, com medo de que ele se afogasse, foi então que percebi: há uma infinidade de assuntos que devemos aprender com os Mēbēngôkre, sobretudo o cuidado dispensado às crianças. O cuidar que implica em tornar o corpo forte para as adversidades e para o ser Mēbēngôkre, que é praticado com seriedade, leveza e segurança, proporcionando liberdade aos aprendentes. Uma liberdade construída e afirmada em uma relação sólida com seus cuidadores, revisitada pelas crianças no ato de aprender, é, sobretudo uma liberdade guiada pelos velhos/as.

Quando tive a oportunidade de visitar outra roça para colher macaxeiras, duas crianças nos acompanharam, uma menina e um menino. Assim, foi possível observar as práticas educativas Mēbēngôkre nesse ambiente, que é de atribuição feminina. Enquanto brincavam, as crianças nos ajudavam a realizar o trabalho sem que os adultos lhes tivessem solicitado. Olhavam os movimentos que fazíamos e os colocavam em prática. Aparentemente, ajudar a arrancar as raízes não era uma obrigação para eles que, ao se cansarem, paravam para brincar um com o outro. O estar ali, olhar os velhos/as em suas tarefas cotidianas, exercitar o brincar e o fazer parecia algo prazeroso para aquelas crianças.

Quando terminamos a atividade, a menina começou a encher seu panelinho pequeno com macaxeira e manivas (que segundo ela, iria plantar perto de sua casa). Enquanto organizava minuciosamente sua carga, os adultos a observavam sem interferir. Ao terminar, percebeu que não estava adequada, pois a impedia de carregar. A menina logo tratou de desfazê-la e reorganizá-la. Nesse momento o avô a ajudou, orientando-a como deveria fazer. Quando caminhamos de volta para casa, ao longo do trajeto, a avó queria ajudá-la, mas ela se recusou, afirmando que era capaz de transportar sua carga, demonstrando força e coragem.

Imagem 2 – Menina carregando o paneiro imitando mulheres adultas.



Foto: arquivo pessoal, 2023.

A atitude da menina, impulsionada pela necessidade de aprender a ser e o fazer Mëbêngôkre, foi mediada pelo cuidado e orientação dos/as velhos/as. Ao decidir organizar ela mesma a sua carga, demonstrando sua capacidade infantil, realizou um esforço de preenchimento do vazio que havia em seu corpo, estimulado pelo desejo de saber/fazer. É importante destacar que o cuidar e estimular a criança a aprender, pautados na liberdade que é dada para as crianças e jovens em fase de aprendizagem, aparenta ser a peça fundamental das práticas educativas Mëbêngôkre, uma vez que estes não são forçados a aprender, mas são criadas as condições para que seu corpo em processo de formação queira aprender. Essa liberdade proporcionada e o cuidar dos corpos ao orientarem as crianças a serem Mëbêngôkre é também uma forma de os impulsionar a sentirem a necessidade de adquirir novos conhecimentos e práticas, para assim se tornarem fortes.

Disso compreendemos que, as práticas educativas Mēbēngôkre direcionam a moldura do corpo, mente e espírito, sobretudo para a luta, resistência e sobrevivência. Ao cuidar, os Mēbēngôkre ensinam suas crianças a se tornarem fortes e destemidas, motivando seus corpos em construção a preencherem as lacunas existentes. Esse cuidado é expresso através das pinturas, da alimentação e dos adereços que ornaram esse corpo.

Acredito ser nessa perspectiva que Daniel Munduruku (2009) argumenta que os indígenas, em uma caminhada guiada, vão explorando o ambiente e compreendendo, através dos sentidos, que esse mesmo ambiente vai deixando marcas que dão sentido ao seu ser criança e à sua própria vida. Entendem que o uso dos sentidos confere sentido às suas ações ao experienciar a natureza, aprenderem a ler as pegadas dos animais, o voo dos pássaros, os sons do vento nas árvores, o manejo do fogo, os sons e vozes da floresta em suas diferentes manifestações. Essas aprendizagens são experimentadas pelo corpo cultural produzido para apreender os saberes necessários à vida comunitária e, dessa forma, inferimos que as práticas educativas compreendem um sentido a partir da convivência e experiência no território, em comunidade.

Algumas considerações

A pedagogia do aprender na educação Mēbēngôkre implica em um processo contínuo de construir física e culturalmente corpo, mente e espírito. Essa construção, passa, inevitavelmente pela orientação e cuidado dos/as velhos/as da comunidade, os quais guiam os corpos infantis em suas experiências individuais e coletivas para a solidificação do ser e da capacidade de fazer. À medida que são guiados, os corpos vão preenchendo as ausências que dão lugar ao aprendizado de novos conhecimentos, até tornarem-se conhecedores da cultura e tradição que vivem/experimentam. Para os Mēbēngôkre, o aprender, que implica em ser e saber fazer, ocorre na fase adulta, quando já tem filhos e netos e a sua função não é mais aprender e sim orientar e cuidar para que os que estão em fase de aprendizado conheçam bem.

O ser Mēbēngôkre é, portanto, construído na convivência e experiência territorializada e comunitária. Nessa perspectiva, consideramos que a educação Mēbēngôkre está muito além do que os nossos olhos podem ver. É pautada na liberdade em aprender, que por sua vez é estimulada pelo cuidar e orientar dos/as velhos/as no sentido de aguçar, por meio da convivência, os sentidos como o olhar, escutar, cheirar e tocar, cujas experiências são postas em prática através brincar, que por repetidas vezes levam ao fazer. Nesse processo, primam pela autonomia e criatividade na aprendizagem, princípios que, nas sociedades não indígenas, levaram séculos para compreender que faziam sentido, uma vez que o aprender deve ser um processo criativo e prazeroso e não uma imposição calcada na violência física e simbólica.

Sob essa ótica, compreendemos que há muito mais a aprender com os povos indígenas do que

podemos imaginar, e que muitos de seus saberes considerados locais, se apresentam como universais. É com essa reflexão que ousamos colocar um ponto final nesse texto, entretanto, entendemos que não é possível finalizá-lo, uma vez que a compreensão das práticas educativas, do aprender a ser Mëbêngôkre só podem ser bem explicitadas por pessoas Mëbêngôkre, em seus lugares de fala. O viver com, apenas nos possibilita uma interpretação da dinâmica cultural a partir de nossas experiências de mundo. São eles, e somente eles quem poderão falar-nos com propriedade sobre a pedagogia do aprender que a educação Mëbêngôkre evoca.

Deste modo, as reflexões aqui tecidas são preliminares e visualizam uma pedagogia do aprender na educação Mëbêngôkre que se diferencia do que é praticado na escola, uma vez que a cultura e a tradição desse povo não necessitam diretamente da escola para a sua transmissão, é, antes de tudo, uma educação arraigada no território, de profundo respeito com o meio, o mesmo respeito e profundidade com que cuidam e produzem os corpos, tornando-os fortes para a vida adulta, para a luta em prol do ser e bem viver coletivo.

Referências

KAYAPÓ, Edson. Desafios para a implantação da educação indígena na escola. Quito, Equador: *Religación*, vol. 7, n° 32, 2022.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. – 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Maria Cecília de Souza Minayo (org.); Suely Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MUNDURUKU, D. *O silêncio e o oculto dão asas às palavras*. Entrevista concedida a Márcio Vassalo. O Globo, Rio de Janeiro, Caderno Prosa & Verso, p. 3, 24 abr. 2004. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/37347>. Acesso em: 14/03/2024.

MUNDURUKU, Daniel. *Educação indígena: do corpo, da mente e do espírito*. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n. 1, p. 21-29, jan. / jun. 2009.

Referências Orais

KAYAPÓ, Barabat. *Comunicação oral*. Aldeia Kôkraxmôro, 2023.

KAYAPÓ, Irengômorti. *Comunicação oral*. Aldeia Kôkraxmôro, 2023.

KAYAPÓ, Ireti. *Comunicação oral*. Aldeia Kôkraxmôro, 2023.

KAYAPÓ, Kenti. *Comunicação oral*. Aldeia Kôkraxmôro, 2023.

Submetido em 30 de agosto de 2024
Aceito em 25 de outubro de 2024
Publicado em 07 de novembro de 2024